

UM CONVERTIDO ATRAPALHADO



Octavius estava em seus aposentos quando Sagra, o namíbio, entrou ostentando um barrete de liberto. Octavius percebeu imediatamente a novidade e o recebeu com um grande sorriso e congratulações. Mas Sagra não reagiu com a efusividade esperada. Tímido e envergonhado, após infundáveis delongas e desculpas de antemão, finalmente comunicou a Octavius que Messalina havia nomeado a ele, Sagra, como novo mestre dos escravos, cujo primeiro ato deveria ser justamente comunicar a Octavius a sua demissão. Octavius reagiu como se nada tivesse ocorrido, mas dentro de si conteve um turbilhão de sentimentos antagônicos entre indesejados, prazerosos e entusiasmantes, mas todos absolutamente inesperados. Como se a decisão da imperatriz chegasse com sete anos de atraso, como se de repente todos os seus sonhos abandonados retomassem vida, e todos os seus temores e incertezas despertassem com eles. De uma forma ou de outra, sentiu finalmente o empurrão. Octavius sorriu com uma satisfação que não provava fazia tempo.

“Mas, senhor! Tu não entendeste: eles te estão tirando e me colocando em teu lugar. Tu ficas sem nada.” Octavius riu com gosto.

“Sagra! Bem sabemos que não planejaste o que ocorreu. Não há de que te culpares, portanto não há do que me pedires desculpas. Ao invés disso, vem beber comigo um vinho ao barrete que agora ostentas”, e virou as costas para procurar uma garrafa, sentindo as pernas um tanto inseguras, e lutando para

não demonstrar sua ansiedade. Olhou para uma das muitas janelas de seu quarto e sentiu vontade de sair por lá, libertar por ali mesmo e imediatamente o pássaro enclausurado.

“Conquista de que agora eu só me envergonho, mestre. Ao que ouvi dizer, parece que a culpa é da *Grande Fome*; César deseja mostrar ao povo que também no palácio se mantém a austeridade. E, bem, daí o porquê de... ora, tu bem o sabes. De qualquer forma, isto me envergonha, senhor.”

Sagra seguia-o passo a passo a uma curta distância, gesticulando como se tentasse apanhar no ambiente alguma explicação a mais. Octavius passou ao outro lado da mesa e serviu o vinho em silêncio, deixando as palavras do amigo em suspense no ar. Suas mãos tremiam discretamente. Estendendo um cálice a Sagra, respondeu como se não tivesse havido pausa alguma.

“Tampouco há de que te envergonhares; já te disse: não me fazes mal algum. Antes, tu me dás também a liberdade. Liberdade de decidir o que bem entender, e não fazer o que não gosto, sem ofender a César por isso... Mas és tu a atração do dia! Agora és um homem livre, és igual aos outros.” E, dito isso, levantou o cálice e apontou para o barrete.

“Aos olhos do Altíssimo sempre fui igual aos outros, meu senhor. Aos olhos dele eu já era semelhante a ti.” E num rompante de humor acrescentou: “Só que um pouquinho mais escuro, claro!”

“Não te preocupes, ele não distingue bem as cores...” E dando-se conta do conteúdo do que Sagra dizia, completou: “Pelo teu modo de falar vejo que abandonaste os deuses da Namíbia?”

“Foram eles que me abandonaram, senhor; desde o ventre de meu país até aqui. E foi o teu que me libertou”, disse ele apontando para o barrete. “Creio no mesmo deus que tu, senhor. Há meses fui convencido, como outros libertos do palácio e tantos mais em Roma, e agora eis-me aqui, eu que me julgava esquecido por Cláudio, um dos últimos escravos do palácio; sou agora mestre de outros tantos, como tu”, respondeu Sagra, sem poder conter o orgulho em um sorriso infantil e declarado, como se quisesse, assim, confraternizar com o antigo senhor.

“Os outros libertos ou escravos do palácio a que te referes não têm o mesmo deus que eu. Ou que eu tinha. Suspeito que tu te enganas. Já foste circuncidado?”

“Não. Porque aos olhos do Altíssimo a circuncisão não faz qualquer diferença.”

Estava evidente que as semelhanças entre a própria religião e aquela que Sagra atribuía a seu mestre paravam ali. Octavius já tivera desgostos suficientes por culpa daquela seita, e Sagra estava sendo aliciado por ela claramente.

“O que falas é uma grande besteira, caríssimo”, interrompeu Octavius, algo sarcástico. “Se é isso o que tens aprendido, então não é com judeus que te tens encontrado. Nenhum judeu é judeu se não for circunciso. De onde ouviste tais ensinamentos?”

“Partem de Paulo, um grande judeu, que traz a nós a Boa-Nova.”

Octavius detestava as feições algo idiotizadas que Sagra apresentava agora. Sempre detestara radicais, de todas as espécies, e os radicais religiosos tinham aquele olhar irritante e aquele sorriso parvo, de quem parece viver em contínuo deslumbre e esquecido do mundo real, um olhar sem réstias de inteligência, como se a inteligência e a fé tivessem de ser eternos oponentes.

“Paulo. Paulo de Tarso, o que prega que o Messias já esteve entre nós?”

O olhar do rapaz penetrava como uma lâmina o do liberto, e em nada concordava com a sua voz calculadamente pausada.

“Sim, senhor. E de suas palavras vem a verdadeira salvação”, devolveu Sagra, com palavras decoradas de tanto ouvir. “Por sinal, alguns companheiros de Paulo estão em Roma, senhor. Já há algumas semanas. Reúnem-se na casa do senador Titus Pompilius, que lhes dá teto e refeições, e que é também um convertido. Foi para lá que no fim de uma tarde o Altíssimo conduziu meus passos. Enquanto eu passeava de retorno de uma tarefa que tu me deras, ouvi cânticos que provinham do jardim de Titus. E quando passei diante do portão, andando lentamente para melhor apreciá-los, o próprio senhor Titus, percebendo lá ao longe o meu deleite, convidou-me a entrar. Pensei inicialmente que me houvesse confundido com um de seus escravos. Então fui me afastando, mas ele insistiu. Disse-lhe que eu não era quem ele pensava, e sim um escravo que retornava para casa. *Entra! É contigo mesmo que falo*, disse ele.”

“Nada me disseste...”

“Não, senhor, porque apesar de tudo ainda retornei bastante cedo. Naquela noite eu senti que já era um liberto. O barrete que recebi de César me trouxe

uma enorme felicidade, não porque confirmou o que eu já sentia, mas porque para mim representou um presente de *Deus* através de César. Não que interesse ser livre ou escravo, já que todos podem ser tocados pela salvação. Mas talvez o Altíssimo tenha desejado me estimular ainda mais na fé. Não crês?”

Octavius conteve sua irritação, o que foi facilitado pelas feições de Sagra, agora compenetradas, sérias, sem aquele olhar abobalhado de pouco antes. Mas o importante agora era festejar a liberdade do amigo. Não cabia revelar o quanto aquela seita ou doutrina já lhe havia trazido de desgostos.

“Não crês nisso, meu senhor?”

“Honestamente falando, Sagra, Titus é um patrício malvisto e malfalado pelos poderosos de Roma em virtude de seu desligamento das tradições romanas. Saulo de Tarso é ainda mais odiado pelos judeus. A doutrina que vens recebendo não é judaica e tu tampouco és um judeu. O fato é que te quero muito bem e vejo que te envolves duplamente em uma situação que se pode tornar difícil. Os judeus não te oferecem risco direto, imagino eu. Mas nunca se sabe o humor dos romanos, que um dia podem se voltar contra ti.”

“Os romanos dão a todos liberdade de credo, senhor.”

“Tua inocência é tua maior debilidade. Tudo tem seus limites, a tolerância religiosa também. Não é porque Cláudio não é um devasso como Calígula que evitará atacar judeus e cristãos – e isso sim é que tu és, um cristão –, se porventura os interpretar como deletérios ao império. E nos últimos tempos os cristãos vêm promovendo confusões, que têm desagradado aos romanos. E como estes não compreendem as diferenças entre os dois credos, eis que quem acaba sofrendo as discriminações são os judeus. Tu, portanto, como cristão – e não me digas que és judeu, pois *não* és –, repetiu Octavius balançando o rosto em vigorosa negativa, estás, na verdade, cercado pelo ódio de dois povos, judeu e romano.”

O namíbio ficou olhando Octavius sem argumentos, os enormes lábios entreabertos e parecendo incapaz de retomar a palavra ou de raciocinar.

“Senhor! Tu me deixas triste ou confuso, não sei. Pois eu só não te revelara minha fé antes porque queria aprender mais sobre ela. Justamente para vir a ti um dia e mostrar-te que sou como tu”, iniciou, com um grande e inocente sorriso. “Então não crês de verdade que o Messias já veio ao mundo? Vê, senhor, que isto é tudo o que te separa de mim.”

“E também a circuncisão. Mas este é o detalhe menor, pois podes fazer-te circuncidar. O que verdadeiramente te separa, *não de mim*, mas dos *judeus*, é que tu crês em um Messias já presente.”

“O que queres dizer com *não de mim*? Tu crês, então, no Messias no mundo?”

“O que vou te dizer, Sagra, digo só a ti. Que destas paredes não saia”, disse Octavius em um tom severo ao amigo, que anuiu concentrado e sem piscar os olhos. “Sabe, pois, Sagra, que eu não só não creio no Messias, no Cristo, como nem mesmo acredito em Deus.”

“Não crês em Deus? Não tens religião?” Sagra deformou o rosto em surpresa.

Octavius não conseguiu esconder o riso.

“Antes eras tu que te achavas sem deus porque os teus deuses namíbios te abandonaram na mais tenra infância. Hoje tu te achas judeu e eu me digo sem fé! Ha, ha, ha, ha! Situação irônica. Mas o que vale é tua vida e a nossa amizade. E por isso eu te dou um conselho: se queres ser cristão, sê, e se queres ser judeu, sê também. Mas não te envolvas demais nem com uma coisa nem com outra. Sê algo só para não dizeres que não és nada. Mas não te deixes *levar* pela *fé* nisto ou naquilo. Não sejas um radical e não te envolvas em confusões. Diz que és algo, que tens esta ou aquela fé para colecionares amigos. Mas antes de tudo sê inteligente e saiba que fé alguma é verdadeira. Porque deus algum existe e, portanto, lutar por esta ou aquela crença é uma perda absoluta de tempo; e o que é *pior*, algumas vezes também de sangue.”

Sagra mantinha havia alguns segundos os lábios abertos de surpresa e os olhos esbugalhados. Estupefato, não parecia levar a sério o que acabara de ouvir.

“Mas não crês mesmo em Deus? Tu?”

Octavius pensou bastante antes de responder.

“Às vezes eu não penso exatamente assim. *Mas desfaz este sorriso, pois isto não é uma concessão.* Quero dizer que às vezes eu admito que ele existe. Mas que está em repouso. Se teus amigos te ensinaram um mínimo, devem ter dito que no sétimo dia, após ter terminado a criação, Deus repousou. Nos momentos de fraqueza, quando aceito alguma fé, eu creio que estamos vivendo ainda este sétimo dia, mas para Deus os dias são como milênios, portanto ele continua a dormir. E por isso não nos ouve. Como eu não viverei por

milênios, não o verei acordar. Em termos práticos, tanto faz que ele exista e esteja dormindo ou que ele não exista de uma vez.”

Sagra se sentiu ofendido.

“Se estivéssemos no sétimo dia da criação, então em que dia dela Deus se manifestou a Moisés e a tantos profetas no decorrer dos séculos? Certamente ele já *acordou*.”

“Às vezes eu penso assim também. E aí é que eu concluo que, se ele existiu, agora não existe mais.”

O namíbio parecia se indignar, mas sua servidão o impedia de interromper o antigo mestre, que continuou a falar, como que para si mesmo.

“Deus está morto.”

Incontinente, o namíbio deu um passo atrás, cheio de fúria, e sem pensar duas vezes, o rosto deformado como o de um possesso, estendeu o dedo em riste contra Octavius, que de susto deu também um passo atrás.

“Morto? Blasfêmia! Tu és um blasfemador!”, gritou Sagra em alta voz, os olhos querendo pular das órbitas e fulminar tudo ao seu redor.

Octavius bem que tentou, mas não conseguiu evitar a risada compulsiva com aquela cena inusitada. Seu recém-convertido amigo não só se convertera mal como agora parecia um judeu radical indignado. Octavius demorou para conter a gargalhada, enquanto Sagra o observava ameaçador, mas aos poucos se recompôs. O namíbio também, envergonhado pelo seu rompante, foi se encolhendo lentamente.

“Vamos ao vinho, meu amigo”, insistiu Octavius entre lágrimas e risos, recompondo-se logo a seguir.

“Perdoa-me, senhor, *caso* eu tenha me exaltado, mas não posso...”

Com o indicador à frente da boca, Octavius, subitamente sério, deu a entender que sua paciência com aquele assunto estava esgotada.

“Falemos disso tudo num outro dia, Sagra”, disse, mentindo, e já retomando o habitual sorriso irônico, enquanto retomava seu cálice. “Não tens de te desculpare, eu te entendo. Tu me preparaste uma surpresa e acabaste mais surpreso do que eu. Mas agora ao vinho. Tu terás outras oportunidades para me reconverter, portanto, vamos usar esta para celebrarmos juntos *as duas libertações*. Eu celebro a física e tu, a espiritual... Saúde!”

E o namíbio, iludido pela falsa promessa, tomou finalmente sua taça.

LAR, DOCE LAR...



Octavius se deu por satisfeito. Considerou, aliviado, que anos antes teria saído sem vida do palácio se o complô contra Calígula não tivesse malogrado. Retirava-se agora, sem ônus e livre para orientar sua vida como bem entendesse. E embora o exílio de Sêneca anos antes tivesse diminuído sua admiração pelo imperador, continuaria considerando Cláudio uma dádiva para o império e para o mundo.

Na manhã seguinte despediu-se dos escravos e libertos de sua lida; ato contínuo, abandonou a colina Palatina sem um único olhar de saudade e dirigiu-se diretamente à ilha Tiberina; tendo-a atravessado, dirigiu-se à outra margem do Tibre, onde possuía uma pequena casa de aluguel.

Não tinha a menor intenção de se mudar para um de seus imóveis de maior porte, pois, sendo sozinho e não exigindo para si mais que o mínimo de conforto e nada de luxo, Octavius sabia que na situação oposta apenas atrairia mais gastos e perderia mais renda. Ademais, nenhuma de suas outras casas tinha a vista que aquela morada, de frente para o rio e a muralha, propiciava aos seus moradores. Situada às margens do rio, ficava separada da cidade pela ilha Tiberina, a qual compunha, com a muralha atrás de si, uma paisagem de rara beleza, enquadrada pela janela do quarto qual uma pintura de encantos sempre variáveis com as horas do dia.

Octavius observou a casa demoradamente antes de se aproximar do portão; sem dúvida alguma a família que pretendia desalojar cuidara muito bem

de sua propriedade: um jardim amplo, com uma pequena fonte adornada por faunos ao centro e um gramado tratado com zelo cercava de todos os lados a casa, igualmente bem enfeitada e recentemente pintada. Diretamente à frente do visitante uma pequena placa advertia o risco de entrar sem ser convidado: *cave canem!* – cuidado com o cão! Canteiros de flores por todo o jardim e em cada janela testemunhavam a presença feminina e o prazer de se morar ali.

Octavius sentiu certa dor pela casa: conhecendo-se como se conhecia, sabia que a casinha, se fosse um ser vivo, já se sentiria desesperada com sua simples aproximação.

Não precisou bater palmas; um cachorro minúsculo e mal-encarado veio exercer seu escandaloso papel de campainha, e Octavius foi abrindo o portão, para humilhação do autoconfiante cãozinho.

A esposa do inquilino se surpreendeu com a presença adiantada do senhorio, e saiu com um olhar perscrutante e interrogativo, acompanhada por um casal de escravos idosos e três crianças pequenas.

O marido acabara de sair, mas se Octavius tivesse a bondade de voltar ao início da noite poderia conversar diretamente com ele. Talvez pudesse ajudar, se Octavius lhe dissesse a razão de sua vinda, questionou ela, já com medo de um aumento no aluguel. A resposta a princípio pareceu ainda pior e a mulher esbugalhou os olhos. Após a confirmação de Octavius suas crianças entenderam que havia algo de errado e entraram sem convite na conversa.

“Mamãe, diz pra ele ir embora!”

“Mas, mamãe, esse patrício vem morar com a gente? Eu não gosto dele.”

“Eu também não, e no meu quarto é que ele não fica!”

“Olha só o nariz dele...”

Octavius tentou um sorriso amarelo, ao qual a inquilina respondeu afastando as crianças com falsas promessas. Voltou toda preocupada. Afinal, adoravam a casa, a vista, o silêncio, os aromas... nada a ver com a agitação e a poluição visual e os maus odores de Roma. Era como morar no campo, mas dentro da Capital do Mundo. Percebeu, então, que na verdade estava fazendo uma propaganda e tentou achar defeitos no seu lar, mas nenhum pareceu

verossímil ao proprietário. Finalmente, Octavius a convenceu de que não voltaria atrás, era justamente por aquela série de virtudes e de *defeitos* que se interessava pela casinha.

“Mas uma pessoa de sua estirpe...”, insistiu ela no seu canto do cisne.

Inútil. O homem estava decidido e restou-lhe apenas perguntar quando pretendia se mudar, tentando postergar ao máximo sua permanência no minúsculo paraíso.

“ESTA NOITE!”

A mulher ficou estarrecida. Sem reação, ficou vários segundos com a boca aberta e os olhos imóveis sobre Octavius, procurando em vão algo mais para falar ou uma indicação qualquer de que se tratava de uma piada. Havia leis que a defendiam, pensou, mas não ousou falar, aquilo era algo a ser dito pelo marido.

Octavius ficou perplexo pela reação da inquilina, talvez devesse antes ter dito o valor da compensação e não o prazo que pretendia conceder. Calculou então um sorriso, pois imaginou estar causando medo, e essa não era a sua intenção. Tranquilizou a senhora, elogiou a forma como cuidaram da casa e disse-lhe que não os estava enxotando, e que ao final ofereceria um valor digno para a pressa que lhes impunha.

A mulher quis saber em torno de quanto giraria a *dignidade do valor*. Logo após ouvir a resposta, disse a Octavius, em outras palavras, que de forma alguma tirasse os pés dali, que pelo amor de todos os deuses se colocasse à vontade, e saiu correndo pelo jardim em manobra anunciada pelo seu feroz cachorro. Voltou menos de um minuto após, sempre correndo, disse aos escravos que entretivessem o visitante com o que havia de melhor na casa, que não o deixassem sair de jeito nenhum, e saiu desabalada uma vez mais.

Quando retornou, quase duas horas após, parecia apenas metade da mulher que saíra, derretida que estava em suor e rubor, o cabelo desfeito e as roupas pingando em desalinho. Trazia o marido sorridente a reboque, e só agora lhe passara pela cabeça que poderia ter mandado um escravo em seu lugar. Ou que poderia ter mostrado um mínimo de compostura e contido a surpresa, com o que garantiria um valor ainda mais *digno*. Mas, *por Júpiter!*

O que seu senhorio propunha era mais do que o marido ganhava em cinco anos, de forma que no caminho se esqueceu mesmo de pedir a este que endurecesse a negociação. As poucas forças que lhe restavam só bastaram para esboçar um sorriso enquanto apontava para o consorte, e largando o marido com Octavius, retirou-se imediatamente para se recompor com um banho. As crianças, vendo o olhar feroz do pai, desistiram do *lobby* com que atormentaram o visitante desde a saída da mãe e foram fazer uma última tentativa desesperada de garantir seu lar junto da própria genitora.

Em menos de uma hora a negociação estava feita. Os inquilinos saíram a pé, carregando suas próprias trouxas, pois por uma significativa soma a mais seus dois escravos e toda a mobília entraram também no negócio. Assim, exceto pelas crianças, todos saíram com um sorriso atrás das orelhas. Octavius ainda ouviu algumas imprecações delas, mas os pais trataram de se desculpar com sorrisos amarelos e puxões de orelha. Como a cunhada do ex-inquilino tinha um cachorro que facilmente comeria Atlas, para não trazer desgostos à casa em que ficariam provisoriamente instalados decidiram, à guisa de brinde, presentear Octavius com seu cachorrinho.

Dando-lhes as costas, voltou-se meditativo para o gracioso jardim, cheio de vida, verde, flores e dedicação. Certamente ali caberiam um estábulo e um ou dois cavalos.

A manhã seguinte foi uma das mais apazíveis de que Octavius se recordava nos últimos anos. Talvez porque acordou quando a sombra do relógio indicava que a manhã já passava de sua metade. Talvez porque pela primeira vez na vida sentia-se um cidadão de verdade, independente de tudo, dono de seu nariz, longe de quaisquer intrigas e não sujeito a ninguém. Pela primeira vez sentia-se alguém de fato, cujos atos não seriam julgados por superiores, cujos passos não precisariam de cálculo ou apreensão.

Ainda deitado, a cabeça voltada para a janela, voltou-lhe à mente a analogia do pássaro e da gaiola quando observou da janela de seu quarto um rouxinol que se banhava em uma bacia no pedestal do seu jardim. “*Meu jardim*”,

repetiu nos pensamentos, de resto vazios, aumentando o tênue sorriso com que acordara. Também era a primeira vez que se sentia de fato dono de algo, pois de nada do que até então fora seu havia efetivamente tomado posse. Jurou a si mesmo que conservaria a casa tão asseada quanto a adquirira no dia anterior. Abriu exceção para o estábulo, todo o resto manteria como estava. O tempo provaria que o juramento era uma mentira, mas foi de fato genuíno ao ser proferido.

Uma colação o esperava na cozinha. Tais delícias lhe preparara a escrava, e repensou sua intenção de libertá-la ainda naquela manhã e dispensá-la de seus serviços. O paraíso parecia haver-lhe tolhido o raciocínio. Nunca em sua vida se preparara um pão que fosse. Como, então, tinha podido pensar em viver sem escravos ou serventes? Os dois que comprara na véspera já estavam próximos do fim de suas carreiras. Embora aparentemente saudáveis, já não eram jovens, razão pela qual eram baratos e sabiam que seu destino era serem vendidos cada vez mais frequentemente, para famílias cada vez menos providas e mais grosseiras, até que finalmente fossem libertados por um senhor cruel, quando seu vigor fosse tão pequeno que não servissem a mais nada além de aguardarem a morte por doença ou inanição.

Octavius pensou melhor e concluiu que dispensá-los naquela altura da vida seria de tal hipocrisia que, ao invés de um presente, representaria uma sentença. Percebeu aí que os ex-inquilinos lhe tinham passado a perna, mas por fim agradou-lhe saber que em suas mãos o destino daquelas duas almas, que se provariam tão dóceis, poderia esperar algo melhor. Não eram marido e mulher, e tinham se conhecido havia não mais que sete ou oito anos, quando os ex-inquilinos de Octavius os haviam comprado separadamente, para felicidade de ambos, que com suas idades já elevadas para escravos não viam melhor opção que manter sua triste condição até o fim.

Por isso mesmo naquela manhã se esforçavam por serem os mais dedicados e pressurosos possível, pois sabiam bem que, tendo ambos ultrapassado seus cinquenta anos e dilapidado suas forças, apenas a piedade de seu mestre poderia garantir-lhes algum sustento. O fato de terem agora um senhor rico

era-lhes até mesmo um temor, pois sabiam que alguém assim teria condições de adquirir escravos jovens e fortes e dispensá-los, para que definhassem na pobreza até despedirem-se deste mundo.

Octavius mostrou-se curioso por suas histórias. Não que já não previsse como haveriam de ser, mas por absoluta falta do que fazer e por excesso de tempo a desperdiçar. Os dois se entreolharam e experimentaram a princípio desconfiança pela curiosidade de seu novo senhor, descrevendo suas veredas como um soldado relata uma missão; mas, ao final, sentados à mesa por insistência de Octavius, e já sabendo o que este havia sido até o dia anterior, contavam suas agruras como se fossem todos de um mesmo rincão.

Ambos tiveram negadas pelo destino as melhores chances. Ela não herdara a beleza da mãe nem a inteligência que relatava do pai, nada que lhe permitisse trilhar os atalhos da astúcia ou do encanto para a liberdade ou ao menos uma vida melhor. Não se recordava de ter servido a nenhuma família verdadeiramente abastada em toda a sua vida, tendo sido vendida ao menos cinco vezes, não por maus serviços, mas por sucessivas crises, que levaram, dono após dono, a dela se desfazerem em pagamentos de dívida ou simplesmente por não desejarem expor à fome alguém do próprio lar. A história dele não era em essência muito diferente. Quando jovem, dispunha de uma força que impressionava os demais, e embora dela se vangloriasse imensamente, cedo percebeu que representava a um só tempo sua vida e perdição. Pois foi quando a idade começou a cobrar seus juros que percebeu que nada além da força possuía, salvo a arrogância, que em curto tempo se transformou em rebeldia, punida com dolorosos castigos antes de se transformar em amargura. Esta o acompanharia por muitos anos, durante os quais, passando de dono em dono a preços cada vez mais baixos, passou a receber cada vez menos o que vestir ou comer e cada vez mais humilhações. Quando finalmente conheceu a resignação, olhou para trás e percebeu que a vida passara em um segundo. Seu dono era, então, um ex-soldado, cuja dependência pelo álcool consumira seus bens a ponto de deixá-lo quase tão miserável quanto o escravo que possuía. Foi nessa condição que a piedosa família a que até o dia anterior servira o adqui-

riu, como quitação de uma dívida, o que o fez recobrar alguma esperança. Se não tinha mais vigor para os trabalhos árduos do campo ou da construção, a vida leve em uma casa de família era tudo o que mais poderia desejar para o final dos seus dias, e assim passara os últimos anos, grato a seus senhores como um filho não conseguiria ser aos pais. Orgulhoso, conteve facilmente uma lágrima ao contar que não esperava ser por eles dispensado, mas que entendia o ato diante de sua condição. Sua inteligência era pequena, tão parca que não percebia os sinais de sua colega, que inutilmente tentava interrompê-lo. Ao invés de se valorizar, depreciava-se diante do novo senhor, atitude que poderia jogar também sobre ela o mesmo véu de repúdio e insatisfação.

Ela chamava-se Helena e ele, Aristarco, mas apenas os nomes os ligavam à Grécia, de onde seus antepassados haviam sido trazidos em grilhões, nunca desfeitos nas gerações posteriores.

Ao final dos relatos, Octavius decidiu mudar aquelas histórias.

“Não vos exaspereis. Não vos jogarei no meio da rua. Mas também não vos conservarei como escravos”, disse ele perscrutando aqueles olhos cheios de súbita desilusão, provando um certo sadismo, que se permitiu por saber que interromperia logo a seguir. “De fato, vou conceder-vos os barretes de libertos, mas não para me desfazer de vós. Trabalhareis para mim como tal e receberéis por vossos serviços.”

O casal se entreolhou por um brevíssimo instante antes de fitar seu senhor com feições incrédulas. Octavius reiterou seus propósitos e Helena, silenciosa, derramou-se em lágrimas. Aristarco abraçou-a com uma intimidade que até então não julgara ter.

Quando o verão já estava na sua metade, Octavius percebeu o quanto fizera bem em morar afastado do agitado centro romano. Seu jardim de fundos possuía diversas árvores frutíferas, cujas copas frondosas o protegiam do calor sufocante. Suas incursões ao centro eram bastante raras, e quando as fazia ia a cavalo, para ter onde carregar os víveres de que se abastecia e para fugir o mais rapidamente para longe do barulho confuso dos vendedores, transeuntes e animais.

O centro de Roma era caótico, e mesmo com as carroças proibidas nas primeiras dez horas do dia mal se podia andar. Só naqueles momentos ele se recordava da calma dos palácios que habitara, que, contudo, jamais trocaria por sua casa ribeirinha, cheia de flores e árvores no jardim, de pássaros e borboletas, visitada, às vezes, por esquilos e pequenos animais. E cuja frente tinha um estábulo também.

O ócio do recém-chegado duraria alguns meses, durante os quais poucas coisas interessantes aconteceriam; exceto por Sêneca, tinha poucos amigos verdadeiros fora da colina Palatina, onde já não podia mais entrar como no passado. Ora, Sêneca encontrava-se na distante Córsega em seu exílio, inalcançável, certamente com pensamentos muito mais importantes e graves do que os que ocupavam a mente de Octavius.

Naturalmente apressou-se em escrever as novas ao amigo, ao qual havia meses já não escrevia, e do qual as longas missivas já lhe faziam falta. Sabia por outros que Sêneca estava bem, mas havia tempo os navios procedentes da Córsega não lhe traziam cartas, que naqueles tempos se extraviavam com certa frequência, quer por desleixo ou por desinteresse dos portadores – sobretudo se pagos antecipadamente pelo serviço –, quer pelos vários incidentes que entre a mão que assinava e a que recebia poderiam se passar; se até meados de outono a situação continuasse a mesma, sabia que não receberia novas de Lucius até o ano seguinte.

Os demais amigos habitavam no palácio, para ele agora tão distante quanto a ilha que enclausurava Sêneca. E assim, sendo nas colônias judaicas *persona non grata*, não lhe sobrava absolutamente ninguém mais em quem pensar. Não que a solidão o descontentasse; ao contrário, depois de anos tramando subterfúgios para sobreviver às intrigas palacianas cansara-se tanto do gênero humano que agora via como merecidas férias esta sua ausência de relacionamentos interpessoais.

Por essa razão, enquanto ainda adequava a casa às suas preferências, ocupava-se sem gosto das idas às fervilhantes praças de Roma ou mesmo ao campo, onde procurava os víveres e materiais necessários para o seu lar. De

resto, estando em casa, entre um ócio e outro se sentava na varanda a observar o rio e a ilha mais abaixo, emoldurada ao fundo pela imponente muralha; e perscrutava as pessoas, que, passando à margem do Tibre, encaminhavam-se para a cidade ou que, como ele, se detinham no usufruto da paisagem. Como o rio não ficava a mais de cem côvados de sua porta, dispunha de uma visão privilegiada daqueles que se aproximavam de suas margens, dirigindo olhares especiais às romanas, em suas raras incursões fora de seus domicílios, em geral chegando à conclusão que nem elas nem suas escravas ou libertas de companhia mereciam o esforço de seus olhos. “Ainda bem que a maioria usa véus”, pensava, tamanha a sua decepção a cada nova esperança de ver uma sereia nas margens de um rio.

Na outra margem, porém, a que tocava a ilha, a situação parecia ser outra. Ao longe, vislumbra-se uma imponente residência, e apesar da distância que a separava de Octavius, em dias calmos era possível ouvir risadas ou vozes provenientes do lado de lá, das pessoas que desfrutavam do enorme jardim dos fundos. Mais do que todos, porém, chamava-lhe a atenção uma jovem de belas formas e gestos recatados, em geral de azul vestida, que, acreditando – ou não – encontrar-se distante de olhares inconvenientes, passava alguns momentos do dia perto da beira do rio, cuidando do amplo jardim, que até à margem se estendia. Diferentemente do mato e das árvores que Octavius tinha desde poucos metros além do portão de casa até as águas, aquela jovem passeava por um imenso gramado bem cuidado e interrompido aqui e acolá por árvores frondosas, sob cujas sombras por vezes repousava. Em geral acompanhada por uma serva, furtava-se ao sol sentada em bancos ou divãs almofadados, ria por vezes alto demais para uma donzela, mas ria como quem tem certeza plena de não ser observada. Ou como quem suspeita não haver observador algum que de seus modos merecesse afeto.

Foi num dia de repouso – repouso geral, pois para Octavius todos o eram – que a jovem o surpreendeu com um dado a mais. A atmosfera preguiçosa do feriado não admitia mais do que poucos sons, de sorte que, além dos pás-

saros, apenas o sussurrar das copas e o murmurar do Tibre almofadavam as palavras, que entre uma brisa e outra lhe chegavam de seus lábios.

Era um quebra-cabeça em que a maioria das peças faltava. De resto, a Octavius pouco importava, pois isoladas, desarticuladas, pouca atenção àquelas palavras dava. Ademais, a reunião de amigas que a vizinha da outra margem fazia não era de seu interesse, e assim preferiu continuar sentado, de costas ao rio, catando pulgas na barriga de Atlas.

Até que ouviu um verso inteiro de um soneto de Sêneca. Levantou-se e virou-se ainda a tempo de ouvir os aplausos e elogios falsamente zombeteiros dos que a cercavam. A jovem fazia reverências exageradas, bem de acordo com o exagero da pequena plateia. De costas e absorta do vizinho curioso, ao levantar-se das reverências permitiu-lhe ver em uma das mãos um pequeno rolo de papiro. Octavius ficou perplexo. A própria imperatriz tinha dificuldades em lidar com as letras, que a tal ponto a fatigavam, que renunciava a toda leitura não confidencial, relegando a tarefa a libertos de confiança.

A lembrança de Priscila, a belíssima Prisca, sua antiga e frustrada paixão, lhe veio imediatamente à cabeça. Pela primeira vez passou por aquele pensamento sem mágoas, uma lembrança combatida diante de uma visão presente e forte, pelo que a imaginação de Octavius já lhe ia criando sem autorização prévia.

Ler como Prisca, a sua vizinha sabia. Graciosa de corpo também parecia, como seus trajés leves, algo diáfanos permitiam concluir. Fosse por aquelas semelhanças ou não, nasceu no observador indiscreto o desejo de conhecê-la. Mas por ora, farto das decepções, preferia manter-se longe e imaginá-la apenas como uma jovem formosa não só de corpo como também de feições, como lhe agradava imaginar. E como no momento o seu zelo pelo ócio superava a disposição de encontrar outro rosto de elfo em corpo de mulher, preferiu acalmar-se e aproveitar o feriado em paz.